

Letramento acadêmico:

integrando estudantes às práticas discursivas acadêmicas

Giovana Lorena Ribeiro Chaves

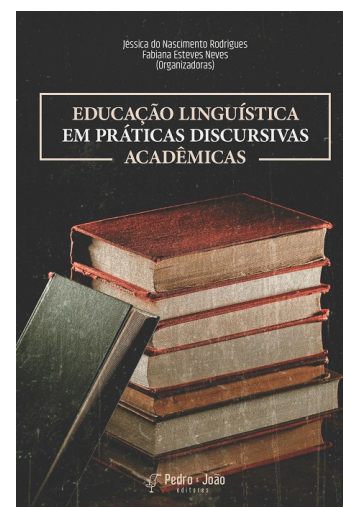
Obra resenhada: RODRIGUES, Jéssica do Nascimento; NEVES, Fabiana Esteves. Educação linguística em práticas discursivas acadêmicas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 178p.

Disponível para download em:

<https://pedroejoaeditores.com.br/produto/educacao-linguistica-em-praticas-discursivas-academicas/>

O livro “Educação linguística em práticas discursivas acadêmicas” reúne dois ensaios, três relatos de experiência e dois artigos com pesquisas em torno do trabalho com licenciandos e docentes da educação básica em sua formação acadêmica e intelectual. A obra registra os primeiros resultados dos diálogos realizados no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica (GEPLEA), criado em 2017 na Universidade Federal Fluminense (UFF), integrado por professoras, professores e estudantes dedicados a pensar letramentos acadêmicos como processos autorais autônomos de efetiva apropriação e construção de conhecimento.

As organizadoras do livro, Jéssica Rodrigues e Fabiana Neves, respectivamente líder e vice-líder do GEPLEA e docentes da UFF, iniciam o diálogo sobre educação linguística¹ nas práticas discursivas da universidade, procurando delinear sua posição na comunidade discursiva em que atuam e, a partir dessa compreensão, contemplam neste contexto os letramentos acadêmicos como realidade histórico-social.



¹ Para uma definição do conceito “Educação Linguística”, consultar Educação Linguística. Sede de Ler, Niterói, v. 9, n. 1, p. 5–8, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/sededeler/article/view/52044>.

Em seu “Ensaio de/ em abertura”, Rodrigues e Neves buscam abordar elementos que compõem a comunidade discursiva na universidade, elitista e impulsionada pelo imperativo produtivista — que prejudica o tempo da reflexão e do amadurecimento intelectual, fomentando a fraude e o plágio — e alertam para o capitalismo acadêmico — que, munido de seus mecanismos de avaliação e ranqueamento, transforma o conhecimento científico em mercadoria, atribuindo à escrita um valor no mercado acadêmico. Rechaçando o entendimento nocivo da escrita como mera atividade na cadeia produtiva científica e reconhecendo-a como ato político que pressupõe responsabilidade ética, as autoras apontam para a necessidade de refletir sobre as histórias de letramento vividas por professoras, professores e estudantes na universidade. Ao submeter-se à lógica do produtivismo, a academia tende a assentir ao ensino de uma escrita padronizada, pautado na concepção de tipos textuais pretensamente fixos, desconsiderando o letramento como processo que envolve práticas discursivas em uma dada esfera da atividade humana, localizada social e historicamente e organizada em gêneros discursivos específicos. Esse estado de coisas leva ao esvaziamento de sentido daquilo que os estudantes enunciarão em sua trajetória acadêmica e, conseqüentemente, à reprodução de concepções dominantes. Ao final do ensaio que não é apenas *de* abertura, mas *em* abertura — uma vez que efetivamente incorpora em sua escrita o caráter processual de permanente inacabamento da enunciação — Rodrigues e Neves apresentam os textos que compõem a obra.

A esse primeiro ensaio, segue o segundo, de Mônica de Souza Houri, professora de Didática e Currículo da Faculdade de Educação da UFRJ. Com suas reflexões, a autora busca contribuir para uma efetiva democratização da educação superior, apontando para a “escrita de si” como forma de impulsionar práticas discursivas que potencializem a construção de conhecimentos pelo e sobre o sujeito em formação, tornando-o capaz de sustentar suas enunciações de forma autônoma, ética e comprometida com o coletivo. Houri inspira-se nos estudos de Michel Foucault sobre uma filosofia do cultivo pelo sujeito de si próprio com vistas à autotransformação e ensaia o levantamento de questões e proposições voltadas para uma mudança dos modos de fazer na construção do conhecimento acadêmico e na formação dos sujeitos. De acordo com a autora, é preciso tornar a escuta, a leitura e a escrita em momentos de apropriação e subjetivação dos discursos, mas, antes disso, é necessário desnaturalizar os

acúmulos das ciências, abrindo espaços para os saberes dos estudantes, estimulando o pensamento, a produção de novos conhecimentos, de novas formas de viver e de existir.

Nesse mesmo sentido direcionam-se os textos seguintes, que compartilham experiências de práticas discursivas na universidade e apresentam resultados de pesquisas em torno do letramento acadêmico, completando o conjunto de contribuições reunidas neste livro dedicado à educação linguística de docentes da educação básica e de estudantes do ensino superior. Danuse Pereira Vieira e Camilla dos Santos Ferreira, docentes da Faculdade de Educação da UFF e formadoras de professores na área de linguagens, refletem sobre o gênero artigo científico, no ensino superior presencial e remoto. Comprometidas com o fortalecimento da universidade como agência formadora, Vieira e Ferreira consideram a história de aprendizado dos estudantes em suas práticas de ensino *da* e *com* a escrita acadêmica, buscando construir efetivos espaços de formação nesse campo. Em consonância com Hourí, as autoras lembram que o meio acadêmico exige dos estudantes o envolvimento ativo com a produção do conhecimento, diferentemente das experiências com a escrita trazidas do ambiente escolar. Importante enfatizar aqui algo essencial que atravessa as reflexões e vivências registradas ao longo de toda a obra, algo valioso, especialmente para professores universitários leitores deste livro: toda a enunciação (oral, escrita, visual, audiovisual, gestual) não é mero produto ou mera (re)produção, mas sempre ato discursivo em um determinado campo da atividade humana realizada por meio de gêneros discursivos próprios. Partindo desses pressupostos e conscientes de que a atividade acadêmica abrange gêneros discursivos ainda desconhecidos dos estudantes recém-chegados da escola básica, Vieira e Ferreira propõem um percurso para familiarização com o gênero artigo científico e para compreensão de seu papel discursivo no meio acadêmico. Na preparação para a caminhada por esse percurso, sensíveis à história de aprendizado dos estudantes, as autoras abrem espaço para as narrativas dos alunos sobre suas trajetórias de letramento acadêmico, buscando instigar dialogicamente negociações de sentido e a construção de novos conhecimentos protagonizada pelos estudantes. A condução do percurso trilhado em formato presencial contribuiu para a compreensão da escrita como processo não espontâneo que exige leituras e planejamento. Já o trabalho realizado em modalidade remota — na época

da pandemia de Covid 19 —, foi marcado pela quebra da interlocução no processo de escrita, dadas as impossibilidades de interação próxima, de diálogo na negociação de sentidos e na construção de conhecimento, mesmo com as adaptações das tarefas em formato mais simplificado, cuidadosamente planejadas pelas formadoras.

Marcela Tavares de Mello, professora da Faculdade Santo Antônio de Pádua (FASAP), da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ), também atuante na educação básica, e Camila Duarte de Souza, professora da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e doutora em Educação pela UFF, compartilham as experiências do trabalho com o gênero resenha acadêmica desenvolvido em dois encontros de um ciclo de oficinas ofertada pelo Laboratório de Letramentos Acadêmicos (LabLA), programa profícuo de ensino e extensão ligado ao GEPLA/ UFF. A contribuição de Mello e de Souza na obra é leitura recomendada especialmente a formadores pouco familiarizados com a área de linguagens que desejam refletir sobre sua prática docente, buscando acolher e orientar seus estudantes nas práticas sociais letradas da esfera acadêmica para domínio dos gêneros discursivos que circulam em sua área de conhecimento. De maneira objetiva e iluminadora, as autoras expõem as dificuldades enfrentadas pelos estudantes na lida com a leitura e a escrita de gêneros completamente estranhos ao seu repertório, descortinando, assim, o ponto de partida primordial da ação de formadores em favor da inclusão de estudantes em verdadeiras práticas discursivas no campo de conhecimento específico. Mello e Souza discorrem de forma muito didática sobre o conceito de letramento, passando pelos letramentos acadêmicos, pela condição do sujeito letrado buscando inserção na comunidade discursiva acadêmica, bem como pelo conceito de gêneros discursivos no processo de ensino e aprendizagem. Após esse percurso, as autoras apresentam as etapas da oficina que ofertaram por meio de práticas inspiradoras com vistas à efetiva inserção dos estudantes em situações concretas de expressão e interlocução acadêmica.

Os três últimos textos que compõem a coletânea abordam pesquisas e experiências relacionadas a percursos de professoras de línguas da educação básica e de licenciandos das áreas de Letras e Pedagogia pelos letramentos acadêmicos. Ricardo Luiz Teixeira de Almeida, docente da Faculdade de Educação da UFF, formador de professores da área de linguagens, analisa as narrativas de três docentes do ensino básico sobre suas práticas de letramento no

mestrado, a fim de compreender em que medida as participantes da pesquisa se reconhecem como professoras produtoras de conhecimento em sua práxis no contexto escolar ou apenas como meras consumidoras dos conhecimentos produzidos por outros. De acordo com o autor, é possível constatar o desenvolvimento das professoras nos letramentos acadêmicos propiciado pelas aulas e orientações no contexto da pós-graduação, entretanto, nos discursos analisados, prevalece a percepção da leitura, da aprendizagem e da pesquisa como algo de natureza pragmática, voltado para a entrega de um produto acadêmico e dissociado do cotidiano da prática docente.

A associação sustentável entre práticas de pesquisa e de ensino-aprendizagem na formação universitária com vistas a promover o reconhecimento de docentes da escola básica como produtores de conhecimento relevante e legítimo, defendidas por Almeida, concretiza-se nas experiências relatadas no penúltimo texto da obra. Luciana Freitas, docente da Faculdade de Educação da UFF na área de Letras, Douglas Coelho, mestre em Estudos da Linguagem pela UFF e professor da escola básica, e Livia Puga, graduada em Letras e em Pedagogia, com experiência docente na rede de ensino básico, apresentam as experiências realizadas na oferta do componente curricular “Pesquisa e Prática Educativa” na licenciatura em Letras da UFF. Ao compartilhar as práticas desenvolvidas naquele contexto, os autores ilustram maneiras de superar a visão aplicacionista e de reprodução de conhecimentos atrelada ao trabalho docente na educação básica. Entre outras atividades, os estudantes do referido componente curricular realizam observações no campo de estágio e, a partir de pesquisa bibliográfica, leituras e estudos, propõem intervenções e investigações no contexto observado. As atividades escritas são construídas em um processo dialético e dialógico entre estudantes, docente ministrante da disciplina e monitores, que, juntamente com a docente, atuam como interlocutores mais experientes nas trocas sobre os ambientes escolares e as propostas pedagógicas que vão sendo concebidas pelos licenciandos.

A fim de contribuir para práticas como as apresentadas por Freitas, Coelho e Puga, que integram à formação docente o desenvolvimento do olhar analítico, reflexivo e investigativo do pesquisador para a práxis educativa, Vanessa Lima Blaudt, busca, no último texto da coletânea, identificar as representações sociais das práticas de escrita e do gênero

monografia na universidade por parte de estudantes de Pedagogia, bem como conhecer a importância dessas representações no discurso desses estudantes. Mestre e doutora em Educação e professora do ensino básico, Blaudt defende que compreender as representações dos estudantes, seus obstáculos e inconvenientes pode evitar falhas e abordagens equivocadas, prejudiciais à formação acadêmica. A partir da análise dos dados levantados entre 17 estudantes de Pedagogia, a autora interpreta que as representações das práticas de escrita entre os respondentes estão associadas a aspectos técnicos de um ensino centrado na aprendizagem de certa forma de escrita pretensamente acadêmica e às adversidades inerentes a este tipo de escrita. Já as representações do gênero monografia associam-se aos processos necessários à sua escrita e a emoções marcadamente negativas vinculadas à escrita do gênero. No que diz respeito às representações sociais em torno da importância da escrita na universidade, Blaudt identifica a presença predominante de associações a um processo de formação e organização do conhecimento próprio do espaço acadêmico e da sociedade letrada e, de forma menos presente, a associação a dificuldades no processo da escrita acadêmica. Por fim, quanto à importância do gênero monografia, a autora identifica a associação com noções de autonomia e de autoria nas representações sociais dos respondentes.

Diante das constatações do estudo, Blaudt, juntamente com as autoras e autores dessa coletânea, defende que a academia promova as ocasiões para práticas discursivas que não se restrinjam à mera reprodução, mas que estimulem nos estudantes a apropriação dos discursos já produzidos, encorajando-os igualmente à participação autoral nas dinâmicas discursivas acadêmicas com atitude responsável, ética e autônoma. Para isso, é necessária uma aproximação guiada pelos gêneros discursivos que o estudante encontrará na universidade, os quais, via de regra, não são abordados na escola básica. Como afirmam Blaudt, Mello e Souza, simplesmente estar na universidade não garante o domínio dos gêneros discursivos que circulam na esfera acadêmica.

Na contracorrente do esvaziamento de sentido e da reprodução de concepções dominantes (resultados da lógica produtivista) em que incorrem as instituições rendidas ao mercado acadêmico, as autoras e autores dedicados à “Educação linguística em práticas discursivas acadêmicas” generosamente compartilham suas inquietações e experiências,

convidando à reflexão todas e todos aqueles que desejam questionar ou repensar o letramento acadêmico, a formação intelectual na academia e a responsabilidade da universidade nesse processo. Igualmente recomendável a este público é o segundo volume, publicado em 2025², com o mesmo título da coletânea aqui resenhada e com novas contribuições dos integrantes do GEPLA/ UFF. Boas e inspiradoras leituras!

SOBRE A AUTORA:

Giovanna Lorena Ribeiro Chaves é professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), licenciada em Letras Português e Alemão pela UFPR, mestre com titulação binacional em Alemão como Língua Estrangeira pela UFPR e Universidade de Leipzig, doutora em Educação pela UFPR. Realiza estudos no campo da formação docente para a educação linguística e investiga o papel da língua adicional para uma formação escolar básica intercultural e interdisciplinar.

² Neves, Fabiana Esteves; Rodrigues, Jéssica do Nascimento. **Educação linguística em práticas discursivas acadêmicas**. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 168p. Disponível para download em <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/educacao-linguistica-em-praticas-discursivas-academicas-vol-2/>